

OS USOS DA NATUREZA E AMBIENTE NA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU COMO ELEMENTOS PARA UMA PROPOSTA EM TORNO DA AGROECOLOGIA EM PONTAL DO PARANÁ - PR

THE USES OF NATURE AND THE ENVIRONMENT IN THE COMMUNITY OF GUARAGUAÇU AS ELEMENTS FOR AN AGROECOLOGICAL PROPOSAL IN PONTAL DO PARANÁ - PR

Antônio Marcio Haliski¹
Dimas Floriani²
Nicolas Floriani³

Resumo: Os usos da natureza e ambiente tem sido objeto de análise de vários pesquisadores, pois refletem muitos (des)entendimentos e conflitos. Neste texto iremos abordar a apropriação socioambiental por atores locais em uma comunidade no litoral do Paraná, para que possamos evidenciar aquilo que entendemos como permanências e continuidades de práticas de usos dos recursos naturais ao longo dos anos. Metodologicamente utilizaremos a técnica de grupo focal e como consequência traremos elementos e fatores que influenciam nas continuidades ou rupturas de práticas. O resultado preliminar é o que estamos chamando de diagnóstico para a implantação da agroecologia.

Palavras-chaves: Território. Comunidade. Agroecologia.

Abstract

The uses of nature and the environment have been objects of analysis of several researchers because they can be responsible for reflecting many conflicts and (dis)agreements. This paper aims to present the socio-environmental appropriation involving the local actors in a coastal community

¹ Doutor e pós-doutor em Sociologia: ruralidades e meio ambiente; pós-doutor em Geografia. Professor do Instituto Federal do Paraná - Campus Paranaguá. E-mail antonio.haliski@ifpr.edu.br

² Doutor em Sociologia (U.C.L. Louvain, Bélgica, 1991) e pós-doutor (El Colégio de México e PNUMA, 2002). Professor Titular e aposentado Sênior nos programas de Ciências Sociais (UFPR) e no Doutorado Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR), do qual foi coordenador em 1996-98. Bolsista em Produtividade em Pesquisa (CNPq). E-mail dimas@casla.com.br

³ Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Realizou pós-doutorado financiado pela CAPES (U Los Lagos/ U Alberto Hurtado / U Paris 10) enfocando a relação das comunidades rurais tradicionais e as florestas do sul do Chile e sul do Brasil. Fez doutorado sanduíche no Laboratoire Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces (Paris 10). Mestre em Ciências do Solo e Engenheiro Agrônomo ambos pela UFPR. E-mail florianico@uepg.br

located in the State of Paraná in order to evince what we perceive as permanencies and continuities of practices of the uses of natural resources over the years. We are going to use the focus group technique methodology and as a consequence we are going to bring elements and factors that influence the continuities or ruptures of practices. The preliminary result is what we are calling the diagnosis for the implementation of agroecology.

Keywords: Territory. Community. Agroecology.

1. O Litoral e o município de Pontal do Paraná⁴

O litoral é composto por sete municípios que apresentam além de áreas territoriais e paisagens muito díspares, uma concentração populacional desigual. Notadamente o município de Paranaguá, que abriga o maior Porto de exportação de grãos do país, é aquele que detém maior número de pessoas. Trata-se da atração pelo forte viés econômico. Já municípios como Pontal do Paraná e Matinhos possuem uma dinâmica voltada mais para o turismo de Sol e Mar.

Tabela 1: população e área

Município	População estimada	Área em km ²
Guaraqueçaba	7.923	2.315,733
Antonina	19.420	876,551
Morretes	16.540	687,541
Paranaguá	152.975	806,225
Pontal do Paraná	25.393	202,159
Matinhos	33.450	116,544
Guaratuba	35.986	1.328,480

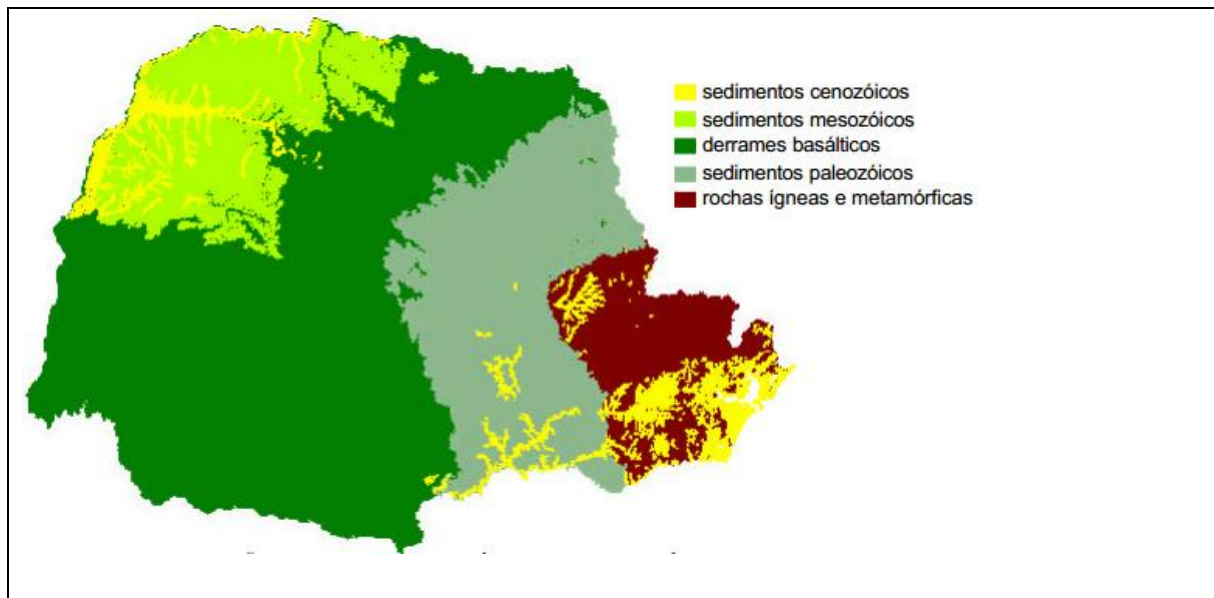
Elaborado a partir dos dados dos cadernos de municípios do Iparde, 2018.

Na região a leste dos planaltos, se destaca a Serra do Mar, com 1.500 m de decaimento geográfico apertando a pequena

⁴ Este texto, com algumas modificações, foi apresentado e debatido no GT8: *Conhecimentos, desafios e possibilidades para o fazer agroecológico no mundo rural*, do “VIII Encontro da Rede de estudos Rurais – sediado na Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC/2018.”.

área da planície litorânea em direção ao mar. Os picos mais altos são o Paraná com 1.877 m e o Caratuva com 1.860 m. Essa configuração geográfica provoca uma diversidade de ecossistemas, que incluem desde os ambientes totalmente influenciados pela floresta atlântica até estuários das baías e ainda os limitados pela área costeira. (SILVA, et al, 2013, p.1)

Mapa 1: distribuição dos principais grupos litológicos do Estado do Paraná



Fonte: <https://www.geocultura.net/parana/>

Na área montanhosa do litoral prevalecem formações da Serra do Mar, como imponente divisor entre o planalto e o litoral. A Serra do Mar é um grande centro dissecado de falhas, formado pelas bordas do planalto atlântico, constituindo-se em um conjunto de montanhas escarpadas com mais de 1.000 km, que se estendem desde o Rio de Janeiro até o norte de Santa Catarina. (SILVA, et al, 2013, p.1-2)

Por outro lado

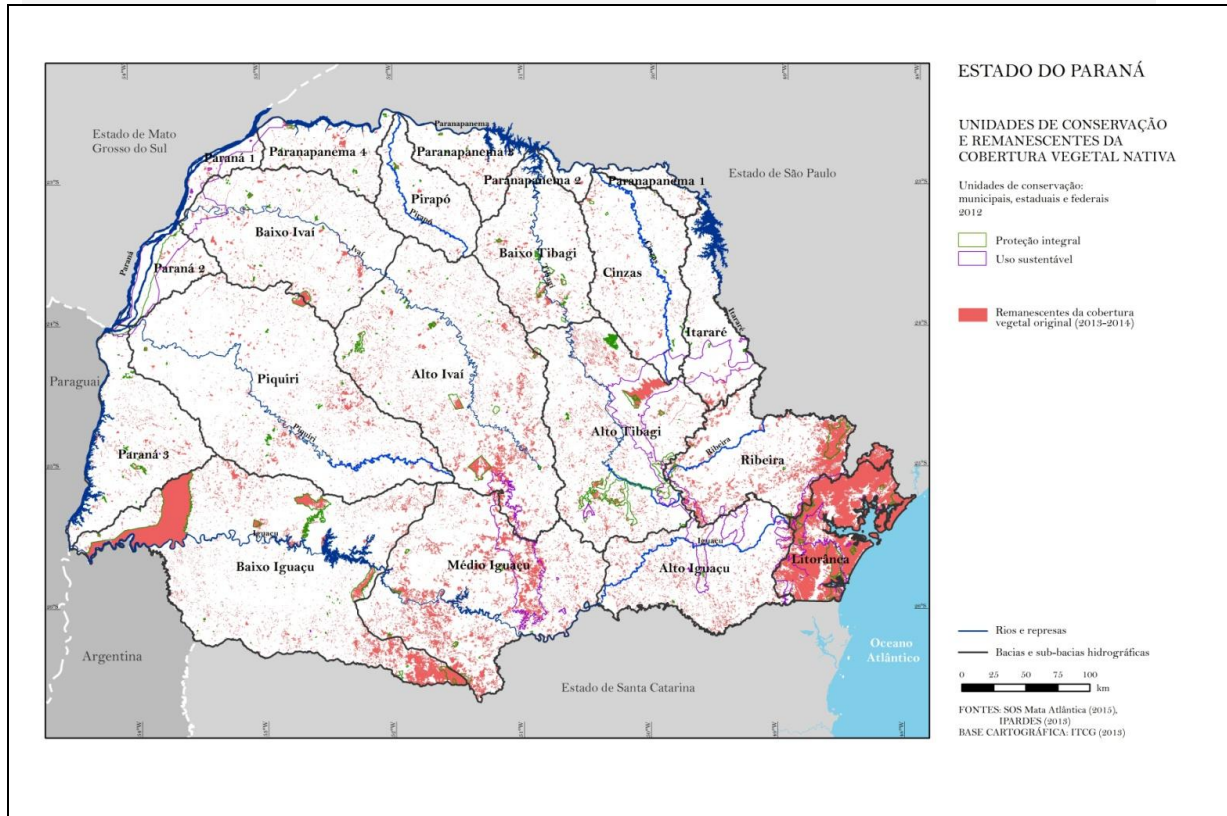
A configuração atual do sistema natural na Planície Litorânea paranaense é uma resposta a processos que ocorreram sobre o embasamento cristalino, principalmente relacionado às variações do nível relativo do mar, durante o período Quaternário, que deixaram como principal resposta, as planícies arenosas fluviais e marinhas de diferentes altitudes. Destaca-se o fato da planície litorânea apresentar dois compartimentos bem distintos: mais próximo à Serra do Mar esta planície é formada principalmente por sedimentos mais argilosos, provenientes do desgaste das montanhas; e na proximidade do Oceano Atlântico a planície litorânea é formada predominantemente por sedimentos mais arenosos de origem marinha. (SILVA, et al, 2013, p.2-3)

Por conta dessa trajetória geológica o que temos no município de Pontal do Paraná é o predomínio do que os populares descrevem como “areião”. Cientificamente é conhecido como Espodossolo, ou seja, solos muito arenosos que possui muita permeabilidade e acúmulo de matéria orgânica no horizonte B. Tem restrições ao uso agrícola (Silva, et al, 2013). Nestes espaços vemos a proliferação de parques, em nosso caso, a Estação Ecológica do Guaraguaçu.

Em menor quantidade temos os Mangues ou Gleissolos Sálícos e “terra de morro” ou Cambissolos. O primeiro possui como característica fundamental o acúmulo de sais e matéria orgânica, justamente por sua proximidade de rios ou baías. O segundo é pouco profundo e possui característica de cultivo variável, conforme o tipo de rocha de origem e relevo (regiões planas ou montanhas). (Silva, et al, 2013).

Esta fragilidade do solo arenoso é uma das justificativas para a implantação de unidades de conservação que segundo Pierri et al (2006) representa cerca de 80% de todo o litoral. Aí já está posto um dos principais elementos que restringem o uso do solo e notadamente um dos principais motivos de conflitos entre comunidades e instituições ambientais. De um lado as comunidades, como os pescadores da ilha de Superagui, justificam a conservação ou preservação por suas práticas e por isso defendem permanecer ali com suas práticas; do outro as instituições ambientais justificam que é necessário a implantação de parques, ou algo do tipo, para que o território não termine dilapidado com os últimos remanescentes florestais do estado. O tom mais avermelhado do mapa nos mostra que o litoral possui grandes áreas preservadas.

Mapa 2: Unidades de conservação e remanescentes de vegetação nativa – Paraná (2013-2014)



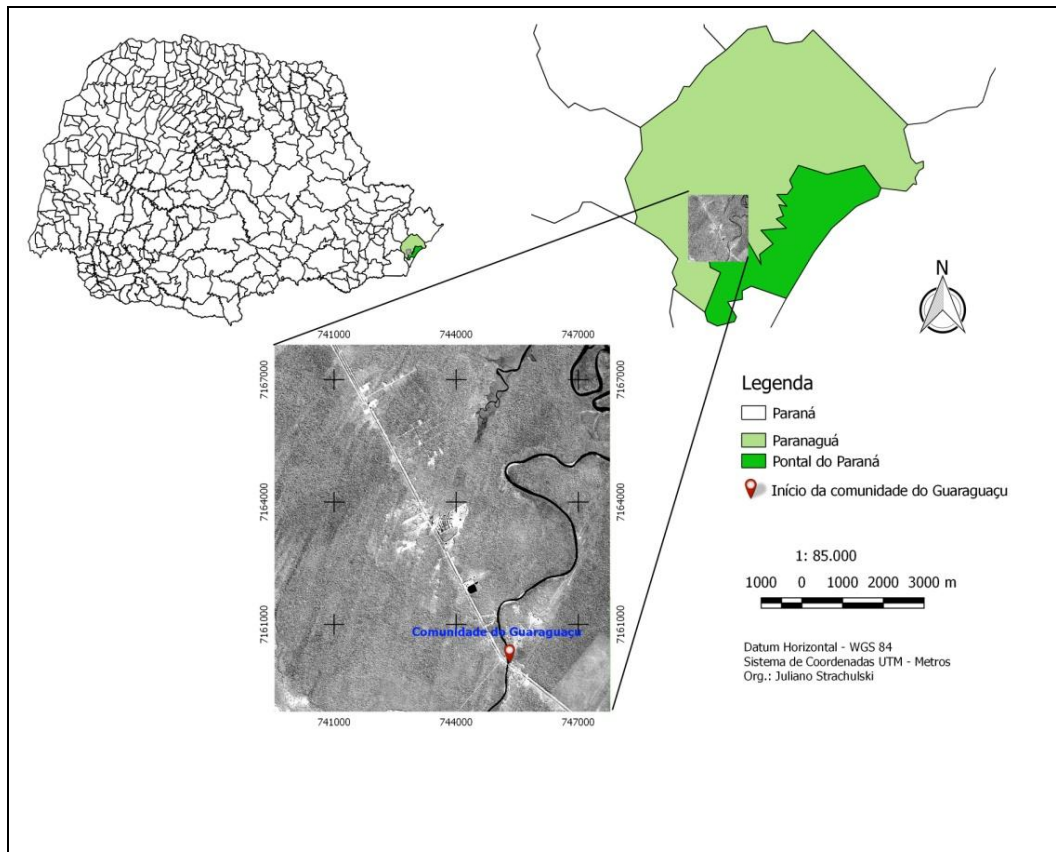
Fonte: Ipardes, 2018

Uma das formas de compensação para recompensar as áreas em desuso vem pelo ICMS ecológico que em Pontal do Paraná representa 235.112,35 reais do orçamento municipal. Aqui uma das principais questões é o investimento desse dinheiro, visto que não constatamos ações por parte da prefeitura para desenvolver comunidades rurais atingidas, como é o caso do Guaraguaçu.

Em nossa primeira análise trata-se daquilo que Veiga (2001) chama de cidades invisíveis ou imaginárias, visto que negamos a existência do rural. No caso do nosso município temos a preferência pelos balneários (“cidade”). Dos domicílios apresentados pelos dados oficiais do Ipardes (2018) temos um total de 27.336, sendo que constam apenas 84 rurais. População urbana 20.743 e população rural de 177 pessoas. Certamente isso representa um equívoco, visto que somente no Guaraguaçu encontramos algo em torno de 120 famílias. Em uma conta simples, se colocarmos 3 pessoas por família já temos um total de 360 pessoas.

No mapa abaixo podemos ver que o Guaraguaçu é o ponto de entrada do município, atravessado pela PR 407, mas nem isso é o suficiente para ser visto de fato.

Mapa 3: Localização da Comunidade do Guaraguaçu



Localização da comunidade (org) Juliano Strachulski, 2018.

A invisibilidade é retratada em números. No geral a produção municipal se distribui da seguinte forma:

Tabela 2: Estabelecimentos agropecuários e área

Atividade econômica	estabelecimentos	Área (ha)
Cultura temporária	8	87
Horticultura e floricultura	1	x
Lavoura permanente	7	40
Pecuária e criação de	6	80

outros animais		
Produção florestal de florestas nativas	4	58
Aquicultura	2	X

Elaborado a partir dos dados dos cadernos de municípios do Iparde, 2018.

2. Sobre a produção animal

Tabela 3: Produção de origem animal

Produtos	Produção	Unidade
Leite	20	Mil l
Mel de abelha	7.000	Mil kg
Ovos de galinha	23	Mil dz

Elaborado a partir dos dados dos cadernos de municípios do Iparde, 2018.

Outro fato que nos chama a atenção é a invisibilidade da produção dos pescadores artesanais, até mesmo em documentos como o do Iparde (2018). Em nossa análise esses atores fazem parte de um mundo campesino moderno, ou seja, pescadores artesanais, quebradeiras de coco, faxinalenses, quilombolas etc., possuem elementos de um campesinato atual e que deve ser interpretado, a exemplo do que Haliski e Brandenburg (2016) trabalharam como elementos de uma condição camponesa ao estudarem agricultores do Sul do Paraná. Somente para ilustrar, no caderno de municípios do Iparde (2018) não aparecem os pescadores Maciel, Barrancos, Ipanema, Pontal do Sul e assim por diante.

Dentre outras coisas, para rompermos com essas ausências em documentos oficiais é que decidimos por mostrar uma parcela do rural em Pontal do Paraná através de uma comunidade.

3. Metodologia

Até o momento realizamos 29 atividades na comunidade sendo que o primeiro contato ocorreu em 01 de novembro de 2017, depois disso seguimos uma agenda de reuniões para que inicialmente pudéssemos diagnosticar as demandas socioambientais existentes e na sequência pudéssemos nos organizar para encaminhamentos e possíveis resoluções dos conflitos citados por eles. De imediato foram apontados pela comunidade cinco objetivos: desenvolvimento da agroecologia; b) reativação da Associação de moradores; desenvolvimento de um mapa turístico; d) práticas de cultura e lazer; e) melhorias no saneamento e saúde. Este texto se enquadra dentro do *item a*, por isso passaremos a descrever a metodologia de trabalho.

Entendendo a técnica como uma escolha metodológica que nos permite traduzir a realidade, no sentido exposto por Santos (2004), utilizamos aquela do grupo focal, pois trata-se de uma forma de apreendermos coletivamente a realidade.

A metodologia de pesquisa apoiada na técnica dos grupos focais considera os produtos gerados pelas discussões grupais como dados capazes de formular teorias, testar hipóteses e aprofundar o conhecimento sobre um tema específico. (GONDIM, 2003, p.158)

O grupo que analisamos é composto por atores da comunidade rural do Guaraguaçu. Ao todo temos um universo de aproximadamente 120 famílias e que exercem distintas atividades como, por exemplo, de moradia e que realizam trabalho em áreas urbanas de Pontal do Paraná e Paranaguá, famílias que moram em áreas urbanas de outros municípios e apenas possuem uma chácara de lazer, moradores com atividades como o Café Caiçara ou para lazer como é o caso do automodelismo ou mesmo de hospedagem como na propriedade do Ecoguaraguaçu, marinas, casas com comércio na beira da rodovia PR407 e até uma aldeia indígena. Nesse sentido, o nosso grupo é heterogêneo.

Estamos envolvidos com 18 famílias e que frequentam assiduamente as reuniões em torno de 10. Estamos entendendo por família em nossas reuniões a participação de um representante, ou seja, geralmente estamos em grupos que

variam de 8 a 12 pessoas. Chegamos nesse número a partir de uma série de convites impressos e também pessoalmente que realizamos, enfim, esses seriam os interessados em nosso projeto e por isso não adotamos critérios como idade, gênero etc. Mesmo assim, estamos com as “principais” lideranças e que possuem o respaldo dos demais, como constatados em assembleias gerais para a comunidade, como aquela em que realizamos a reativação da Associação de Moradores em 18 de abril de 2018. A idade dos participantes está entre 20 e 65 anos e a maioria são mulheres, sempre algo em torno de 80 por cento do quórum.

Nossa participação é como pesquisador/moderador fazendo com que temas sejam debatidos a partir de um roteiro pré-elaborado, tomando como referência reuniões anteriores e demandas de ações futuras, por exemplo, foi demandado a produção agroecológica e por este motivo nossas atividades (expostas neste texto) foram centradas nas formas de apropriação e utilização da natureza e ambiente na comunidade: como era? o que mudou e o que permanece? Quais os principais conflitos e as possibilidades de resoluções?

Na atuação junto a comunidades os grupos focais estão auxiliando na compreensão dos grupos sociais desfavorecidos e nas ações comunitárias. Ou seja, os pesquisadores encontram nos grupos focais uma técnica que os ajuda na investigação de crenças, valores, atitudes, opiniões e processos de influência grupal, bem como dá suporte para a geração de hipóteses, a construção teórica e a elaboração de instrumentos. Trata-se de uma técnica que pode ser usada quando o foco de análise do pesquisador é o grupo. (GONDIM, 2003, p.160)

É comum neste tipo de metodologia a utilização de filmagens e gravação de áudios, mas em nosso caso optamos pelas notas de campo, justamente pelo ambiente comunitário que estamos inseridos, pois ora é na casa de um, ora na casa de outro, em igreja, às vezes em campo aberto e assim por diante. A riqueza deste tipo de abordagem está na construção coletiva dos temas e o aferimento “em tempo real” do que está sendo debatido, sem falar que é um processo também de memórias onde um estimula o(s) outro(s) a se posicionar. É um processo de compartilhamento de saberes e ideias cujo

resultado é grupal. Também frisamos que esta técnica não anula outras como aquelas de questionários e entrevistas individuais e assim por diante, trata-se de um formato que pode até mesmo agregar múltiplas metodologias e técnicas.

A comunidade e alguns números do município: diagnóstico

Através das reuniões constatamos que a origem da terra na comunidade está associada a um processo de ocupação por parte dos moradores mais antigos. É muito comum narrativas que enfatizam um ponto fixo para moradia, regulamentado por termos de posse, e um uso de terras que extrapolavam esses limites. Isso se relaciona ao fato de que a comunidade desenvolveu-se como território de pesca e isso resultava em práticas de usos rotativos de solo dentro de uma área usada. Assim uma pessoa possuía roças em outras partes que não era necessariamente o ponto de sua morada. Ainda hoje vemos práticas similares na Ilha do Mel, no período que corresponde a pesca da tainha, pois os moradores saem de suas casas e montam abrigos em pontos estratégicos para a pesca e ali fazem sua pequena roça temporária.

Disso tudo temos ao menos três situações. A primeira é que na atualidade a maioria das casas possuem delimitações por cercas de arames ou tijolos que delimitam os seus sítios. Isso significa muito, pois casa de pescador não tem, ou melhor, não tinha cercas. A segunda relaciona-se a um fato grave, pois alguns moradores relatam pagar ou saber de pessoas que pagam IPTU nesta área rural. Dito isso, a análise preliminar que fazemos é a de que a invisibilidade crônica de um rural em um município praiano intensifica uma espécie de especulação imobiliária onde tudo passa a valer para a “regularização” e valorização dos imóveis. A terceira é a diversidade de novos atores que moram ou tem imóveis para lazer ou até algum empreendimento. Talvez esteja aí a “confusão”, gerada na cabeça desses atores locais, pela necessidade de uma classificação de imóveis rurais ou urbanos. Isso ocorre porque temos marinas, empresa de concreto usinado, pista de automodelismo etc. Trata-se de uma modernização que nos mostra um novo rural e não o

urbano por excelência. Isso nos revela novas ruralidades, a exemplo do estudo o IICA (2013), onde podemos constatar vários rurais em nosso país.

A ausência de trabalhos como o citado acima, se traduz em números como o do Ipardes (2018), onde aparecem apenas 28 estabelecimentos rurais, distribuídos em 339 hectares, sendo que 27 possuem proprietário e 1 possui ocupante.

Outra situação recorrente nas reuniões é aquela de pertencimento à comunidade. No geral, ao se referirem sobre o passado e o presente, temos o que Elias e Scotson (2000) trabalharam como estabelecidos e outsiders. Trata-se da noção de pertencimento a partir de uma tradição desenvolvida e que tem o tempo de moradia como fundamental. Quando relatam que “os de fora não se misturavam” estão acionando um conjunto de práticas e valores por eles desenvolvidos e que tendiam a permanecer. Por isso chegam a citar muitos casos de casamentos entre primos ou conhecidos. Certamente com o passar do tempo isso foi sofrendo algumas alterações, até pelo aumento do número de moradores na comunidade, e hoje temos o que chamam de “um pouco de tudo”.

Enquanto grupo, desenvolvemos o que chamamos de Selo Comunitário “Guaraguaçu Caiçara”, trata-se de uma auto-atribuição identitária que teve o objetivo de unir o grupo e ser ao mesmo tempo ser um Selo que será utilizado para garantir que produtos e serviços (da oferta de cafés até a hospedagem) da comunidade sejam identificados/visibilizados⁵.

⁵ Os símbolos foram construídos coletivamente, sendo que o Sol radiante, o Rio Guaraguaçu azul e limpo, a orquídea e o antúrio como beleza da flora e camponesa forte e sensível ao mesmo tempo, representam os caiçaras do grupo. Isso será analisado em outro texto, mas rompe com a auto-atribuição do caiçara associada ao barco de pesca, a farinha e a pesca em si.



Outro fato nessa relação de passado e presente são as práticas de consumo e produção, pois relatam que a maioria das frutas, por exemplo, ainda permanecem na comunidade: goiaba⁶, abacaxi, bacupari⁷, araçá, guapirica⁸, ingá, tamarindo, camarinha⁹, laranja, banana, limão, pitanga, papanguera, carambola (recente), caju, guamixama¹⁰, jaca, abacate, ameixa, jambo, semente de Aroeira (dizem que até o pássaro conhecido por Sanhaço gosta). Sobre as frutas o que vemos é um plantio para consumo, por este motivo não temos dados oficiais do município.

Sobre a carne na dieta alimentar os relatos corroboram a tendência brasileira que é aquela de abastecimento pelos mercados e extinção da carne de caça dos cardápios. Neste último item Cândido (2001) já nos mostrava a

⁶ Os nomes estão escritos conforme citaram, pois sabemos que existem regionalidades que alteram os nomes de plantas, animais, entre outros.

⁷ Ele é conhecido popularmente por vários nomes tais como baacuri-mirim, bacoparé, bacopari-miúdo, bacuri-miúdo, escropari e limãozinho .disponível em <<https://www.coisasdaroca.com/plantas-medicinais/bacupari.html>>

⁸ Sinônimos: Amaioua brasiliiana, Amaioua guianensis, Amaioua laureaster, <disponível em <http://flora.ipe.org.br/sp/19>>

⁹ Nome indígena: CAMARI-NHÊMBA vem do Tupi Guarani e significa "folha ou erva de ponta dura que dá frutos doces". Também é chamada de Groselha do brejo, Camarinha ou Lanterninha da praia. Encontrada em solos arenosos e úmidos. Disponível em <<http://www.colecionandofrutas.org/gaylussaciabras.htm>>

¹⁰ **Grumixama** (*Eugenia brasiliensis*) é uma árvore nativa da Mata Atlântica, prima da nossa pitanga (*Eugenia uniflora*), ambas da família botânica das **Myrtaceae**, também conhecida como grumixaba, grumixameira, cumbixaba, ibaporoiti. Disponível em <<https://www.greenme.com.br/usos-beneficios/4781-grumixama>>

importância dessas proteínas para a dieta alimentar, mas frente as restrições ambientais atuais e a facilidade de compra em comércios, temos algumas alterações.

No geral o município nos apresenta a seguinte produção

Tabela 4: Rebanhos

Efetivos	Número
Rebanho de bovinos	46
Rebanho de equinos	61
Galináceos - Total	2.160
Rebanho de suínos - Total	17
Rebanho de ovinos	19
Rebanho de caprinos	48
Rebanho de vacas ordenhadas	13

Elaborado a partir dos dados dos cadernos de municípios do Iparde, 2018.

Dentre as carnes de caça citadas como as mais consumidas em outro tempo, temos a capivara, veado, pássaros, peixe, lagarto, tatu, paca. Nas palavras deles “hoje não precisa mais” e “dá dó dos bichinhos”. Como citado anteriormente, as carnes do agronegócio, em especial a bovina e de frango, passaram a ser as mais consumidas e ao abandono da caça. Sobre a criação de animais constatamos pouquíssimas casas com galinhas ou porcos.

No que se refere á pratica de fazer roças, vemos que no município ainda prevalece a tradição do litoral.

Tabela 5: Culturas

Cultura temporária	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio kg (ha)
Arroz (em casca)	65	406	6.246

Cana-de-açúcar	3	90	30.000
Mandioca	6	90	15.000
Cultura permanente	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio kg (ha)
Banana (cacho)	4	60	15.000
Palmito	4	14	3.500

Elaborado a partir dos dados dos cadernos de municípios do Iparde, 2018.

Os dados acima confirmam as informações que obtivemos em campo. A diferença é que na comunidade não temos plantios para comercialização e sim para o consumo, por isso vamos ver propriedades com 2 pés de café. As roças de “antigamente” eram de abacaxi, mandioca, arroz, café, feijão, banana, cana de açúcar (pra fazer melado ou cachaça) maracujá, pimenta vermelha e amarela, cheiro verde. Na atualidade o único produto que não vimos foi o arroz.

Dessas pequenas produções também eram fabricadas bebidas como a cerveja, licores de maracujá ou casca de laranja, cachaça, entre outras. Embora tenhamos constatado um estabelecimento que fabrica licores, vemos que a produção de bebidas segue a lógica das carnes, ou seja, é mais prático buscar no comércio do que fazer em casa.

Sobre os saberes locais relacionados ao conhecimento de plantas medicinais e seus usos, constatamos que permanecem várias práticas. No geral as plantas mais citadas foram a Marcela, Capim-limão, Carqueja, Pata de vaca, Guanxuma¹¹ (utilizavam até para lavar o cabelo), casca de Bacupari (para infecção), Jerivá com Picão (para combater amarelão), Erva de bicho, Figatil, Penicilina, Mão Santa, Erva doce, Alfa vaca (tempero e chá), cipó Mil Homens (chamam de milome e utilizam para combater vermes), Anis (para cólica), Guaco, folhas de eucalipto e laranja (para tosse), Sálvia (folha de

¹¹ Guanxuma (*Sida sp.*) é uma herbácea originada das Américas; conhecida por vários nomes tais como Vassoura, Chá-da-índia, Guanxuma-branca, Guaxima, Vassoura-de-relógio, Vassourado-campo e Vassourinha. Disponível em < <https://www.coisasdaroca.com/plantas-medicinais/guanxuma.html> >

boca); vinagre (para dor de cabeça), Embaúba pra tirar sapinho da boca (cicatrizante). Dentre as práticas que não realizam mais estão a banha de lagarto (segundo eles, curava até bronquite) e para estancar um sangramento era usado açúcar, café e carvão.

Esses saberes representam uma estratégia de sobrevivência de povos e comunidades no Brasil. Geralmente eles estão associados a benzedeiros, mateiros, curadores etc. É uma relação entre conhecimentos práticos e místicos que resultam no domínio da flora local e seus usos para a cura. No caso do Guaraguaçu temos o fenômeno da expansão das religiões chamadas evangélicas e, segundo os moradores, o número de adeptos já está em torno de 90%. Por conta disso possuem resistências até para falar de benzedeiros, mesmo que relacionem seus saberes a elas, pois como disse uma participante de nosso grupo “eu não sou e não quero ser chamada de bruxa”. Do outro lado o que temos é uma herança indígena e que ainda se faz presente através dos Guaranis que habitam o local.

Finalizamos este momento de diagnóstico apontando três práticas que não são mais realizadas, mas que foram fundamentais para a formação da comunidade. Referimos-nos ao Fandango, como entretenimento artístico/musical e manifestação cultural, e o que eles chamam de baile. Este último seria o coroamento ou comemoração da prática de mutirão, ou seja, uma ou mais famílias se ajudavam, como por exemplo, na derrubada de uma vegetação ou plantios e ao final realizavam uma grande festa. Já o Fandango foi citado como o ato de ir até uma festa/baile¹². A terceira prática era a troca de produtos. Assim se alguém fosse até a casa de um amigo levava um pedaço de peixe, frutas etc, e retornava com outro produto como um pão, farinha entre outros. Em resumo, esta última seria uma estratégia para garantir

¹² Sobre este item vemos antropólogos como Martins (2006) apontando o fandango como festa de fechamento de um cultivo etc, ou seja, o que nossos atores definem como baile. Como não é objeto de nossa análise apenas estamos apontando que independente da prática e sua definição (baile ou fandango), o que temos é a ausência disso na atualidade.

diversidade de alimentos, algo que Candido (2001) já tinha apontado em seu estudo.

Considerações: uma proposta em torno da agroecologia

Finalizamos este texto apontando a agroecologia como proposta do grupo focal e ao mesmo tempo o resultado de nossas reuniões. O entendimento coletivo foi que devemos implantar e/ou potencializar práticas de produção e cultivo na comunidade, de modo que tenhamos aquilo que é trabalhado na atualidade como Segurança e Soberania Alimentar.

As práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais, a um passado no qual o humano era dono do seu saber, a um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido da existência... como sapateiros, alfaiates ou ferreiros; como músicos e poetas. À época dos saberes próprios. (LEFF, 2002, p.36)

Quando falamos em implantação é para aqueles que têm o desejo de uma pequena horta com temperos, frutas e erva medicinais. Já a potencialização é para aqueles que produzem, como a banana, mas tem dificuldade no manejo. Neste caso a ideia é o fornecimento futuro para escolas, de modo que seja entregue um alimento saudável. Outro caso são daqueles que já possuem uma horta ou quintal medicinal, mas querem apreender técnicas como de compostagem e manejo.

No caso da adubação através da compostagem, vemos que a mesma se faz necessária e a explicação foi apontada pelos moradores. Trata-se do abandono de uma agricultura itinerante “do tempo que era tudo pelo rio”, onde as roças migravam de tempos em tempos conforme o itinerário de pesca ou mesmo daquilo que chamam de período que “ninguém era dono”, ou seja, não tinha cercas a exemplos das casas de pescadores ainda hoje na colônia Maciel, no mesmo município, ou em casos como nos faxinais no centro sul do Paraná. Em resumo, agricultura fixa de agora desgasta mais o solo e isso carece de correção.

Nesse sentido o que temos é uma valorização e diálogo dos saberes acadêmicos com aqueles da comunidade. Dentre os motivos está o fato de que

eles aprenderam a manipular os solos e a floresta, de modo que temos o Litoral como a área mais preservada do estado.

Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população. Estes saberes e estas práticas não se unificam em torno de uma ciência: as condições históricas de sua produção estão articuladas em diferentes níveis de produção teórica e de ação política, que abrem o caminho para a aplicação de seus métodos e para a implementação de suas propostas. Os saberes agroecológicos se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas. A Agroecologia, como reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autossustentação e a segurança alimentar das comunidades rurais. (LEFF, 2002, p.37)

Trata-se de uma (re)valorização de saberes a partir de um prisma que não seja a mercadologização de tudo a exemplo do que nos aponta Skewes (2017) ao reivindicar uma indigenização do mundo. Por isso é necessário que ao se praticar agroecologia tenhamos a consciência de que estamos negando a exploração de tudo (das sociedades, povos, recursos naturais...) em prol de uma forma sustentável de se produzir e , mais do que isso, que a produção é cultural, tem uma história e os camponeses são sujeitos desse processo.

Portanto, a história da comunidade (in)visível aponta para agroecologia como uma alternativa de (re)valorização de práticas, de renda e de manutenção desta população no campo, mantendo suas práticas de vida em (co)evolução com a natureza.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: **estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 9. ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.

ELIAS, N; SCOTSON, J, L. Os estabelecidos e os outsiders: **sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

GONDIM.S, M, G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: **desafios metodológicos**. Pandéia, 2003.

LEFF, E. **Agroecologia e Saber Ambiental**. II Seminário Internacional sobre Agroecologia, Porto Alegre, 26 a 28 de novembro de 2001. Traduzido ao português por Francisco Roberto Caporal, em janeiro de 2002. O original, em espanhol, está disponível em www.emater.tche.br. (in) Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002

HALISKI, A, M; BRANDENBURG, A. Da constituição á reprodução de uma certa condição camponesa: **um estudo de caso a partir dos usos dos recursos naturais**. Raízes, v.36, n.1, jan-jun /2016.

Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Concepções da Ruralidade Contemporânea: **as singularidades brasileiras**. Carlos Miranda e Heithel Silva (Organizadores da Série) -- Brasília: 2013.

MARTINS, P. Um divertimento trabalhando: **prestígios e rivalidades no fazer fandango da Ilha dos Valadares**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Paraná, 2006.

PARANÁ. Caderno estatístico: **município Pontal do Paraná**. Instituto Paranaense se desenvolvimento econômico e social – IPARDES, 2018.

PARANÁ. **Unidades de conservação e remanescentes de vegetação nativa** – Paraná (2013-2014). Instituto Paranaense se desenvolvimento econômico e social – IPARDES, 2018. Disponível em <
http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=26>, consultado em 08/06, 2018.

PIERRI, N; ÂNGULO, R, J; SOUZA, M, C de; KIM, M, K. A ocupação e o uso do solo no litoral paranaense: **condicionantes, conflitos e tendências**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 13, p. 137-167, jan./jun. Editora UFPR, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma Sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Conhecimento Prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado** (org) Boaventura de Sousa Santos. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Valentin da; FAGUNDES, M, C, V; LIMA, M, Ricardo de; LIMA, V, C; TAVARES, A, K. Conhecendo os principais solos do Litoral do Paraná: **abordagem para educadores do ensino fundamental e médio**. Matinhos (PR): UFPR, 2013.

SKEWES, J, C. **A Indigenizar El mundo**. In: El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina. (orgs) Juan Carlos Skewes e Antonio Márcio Haliski. Editora da UFPR, 2017.

VEIGA, J, E da. Cidades Imaginárias: **o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: autores associados, 2001.

